

Valor Econômico – Especial - Grandes Grupos

Novembro - 2007

Diversificação e menos dívida, as receitas

As companhias de telefonia encontram na banda larga condições para crescer, enquanto as elétricas ganham com a volta do consumo a níveis pré-apagão

Por Rachel Cardoso

Serviços aparece como a área com maior crescimento do resultado líquido em Valor Grandes Grupos - 74,7%. Graças a isso e a um aumento mínimo do patrimônio líquido, a rentabilidade pulou de 4,6% em 2005 para 7,9% em 2006. Telecomunicações, energia elétrica, aviação comercial e engenharia prometem manter números ainda robustos em 2007 e fazer com que a área de serviços continue a manter peso ascendente na economia.

Entre as companhias, as de telecomunicações estão no topo da lista das maiores. São delas quatro dos cinco primeiros lugares. O setor tem recebido o impulso da remuneração obtida pela diversificação do cardápio de produtos. Com a estagnação da base de clientes em 40 milhões, a voz deixou de ser o componente principal na expansão da receita na telefonia fixa. A banda larga é a locomotiva do segmento. "De cada 100 habitantes, apenas 3,5 possuem conexão de alta velocidade no Brasil", diz o professor Arthur Barrionuevo, especialista em regulação e concorrência da Fundação Getulio Vargas de São Paulo (FGV-SP).

É um potencial que desperta cobiça até das operadoras de celulares. É o caso da Tim, que obteve recentemente licença da Agência Nacional de Telecomunicações (Anatel) para operar na telefonia fixa. Trata-se de uma movimentação positiva, na avaliação de Barrionuevo, porque 80% do mercado de banda larga está concentrado nas mãos de poucas operadoras em grandes metrópoles. "A maior concorrência, com abrangência das áreas de atuação, pode baratear os preços, ainda nas alturas."

As novas regras da agência reguladora para a tarifação da prestação do serviço, como explica Barrionuevo, não modificaram o quadro. De toda forma, o Índice de Serviços de Telecomunicações (IST), parâmetro que substituiu o Índice Geral de Preços - Disponibilidade Interna (IGP-DI) na correção dos valores a partir de 2006, tem registrado inflação menor que a acumulada pelo indicador antigo. Em 12 meses até julho, o IST subiu 2,91 %, contra alta de 4,38% do IGP-DI.

Outra alteração ocorrida recentemente na medição da conta de telefonia fixa é a troca do pulso aleatório por minuto, o que permite maior controle ao usuário. O método aplica critérios semelhantes aos usados nas ligações interurbanas e de celulares nas chamadas locais. A migração começou em meados de 2007, e o impacto só deve ser conhecido em 2008, quando entrar em vigor ainda a metodologia de cálculos para remuneração de interconexão de rede - o pagamento para cada operadora pelo uso de sua rede por concorrentes. Uma definição que vai estimular a convergência de mídias, ou seja, a possibilidade de distribuir uma infinidade de conteúdos, como vídeos e músicas, através de redes rivais ou alternativas. "A expansão dos serviços de dados é uma tendência mundial", reforça o analista Daniel Doli Lemos, da Socopa Corretora.

Na Europa, as grandes operadoras, como Deutsche Telekom, Telefónica e Telecom Italia, apresentaram queda entre 4% e 5% ao ano no uso das linhas fixas, nos últimos três anos. Em contrapartida, a base de clientes de banda larga apresentou expansão anual superior a 30%. Nos Estados Unidos, a redução na planta de telefonia fixa também foi acompanhada por expressivo crescimento dos serviços de telefonia móvel e de banda larga.

O mercado ficou ainda mais disputado com a entrada de operadoras de TV a cabo na venda de pacotes de serviços integrados. O cenário não é diferente no Brasil. Por aqui, as operadoras investem pesado para não perder terreno. Veja-se o caso da Net Virtua, com o seu combo, como chamou a oferta conjugada de telefone, internet e TV. A Telefônica, por seu lado, comprou parte da TVA do grupo Abril em outubro de 2006.

SÍNTESE

Evolução dos indicadores dos grupos de serviços

	2006	2005	Var. %
Receita bruta (R\$ milhões) ¹	264 658,1	242 675,4	9,1
Patrimônio líquido (R\$ milhões) ¹	201 289,8	196 388,6	2,5
Resultado líquido (R\$ milhões) ¹	15 882,6	9 090,8	74,7
Rentabilidade do PL (% do PL) ¹	7,9	4,6	-
Quantidade de grupos ²	44	44	0,0

Fonte: Valor Grandes Grupos. Elaboração: Valor Data.
¹ 42 grupos com dados disponíveis nos dois anos. ² Comparação do número de integrantes do ranking atual com o da edição anterior. No caso das demais comparações, consideram-se apenas os grupos constantes no ranking atual.

Mesmo com o crescimento acelerado na telefonia móvel, a oferta de serviços agregados também contribuiu para as posições privilegiadas das operadoras entre os maiores grupos do País. Dados da Anatel indicam que o mercado cresceu quase 16% em 2006 e deve manter o ritmo. Até meados de 2007, a base da telefonia móvel ultrapassava os 110 milhões de usuários.

Um sinal de que ainda há muito espaço é o interesse das empresas em licitação para ampliar sua área de cobertura. Na última concorrência, cinco das sete que apresentaram propostas já estão na ativa: Tim, Vivo, Unicel, Claro e Telemar. Também participaram a Options Computadores e a Easytone Telecomunicações. "A concorrência é tão grande que as operadoras de telefonia móvel têm sacrificado as margens de lucro para não perder mercado", destaca Lemos.

Pelo último ranking da Anatel, divulgado em agosto, a Vivo permanece na liderança do mercado brasileiro de telefonia móvel, com 28,05% de participação. A Tim mantém a segunda colocação, com 25,71%. Ambas registraram leve queda nos percentuais. Em contrapartida, Claro e Oi, com 24,76% e 13,12%, respectivamente, aumentaram suas fatias.

No caso de energia, recurso fundamental no processo de desenvolvimento do País, o desempenho, de um lado, costuma ter o impacto direto do crescimento do Produto Interno Bruto (PIB). Normalmente, o mercado cresce mais do que o PIB. Dados da Empresa de Pesquisa Energética (EPE), contudo, indicam consumo 3,8% maior no ano passado sobre 2005. Um resultado muito próximo da expansão do PIB, de 3,7% no período. Fatores como temperaturas médias mais baixas e a retração na indústria e no comércio, por causa da Copa do Mundo de Futebol e do calendário com menos dias úteis, impediram um melhor desempenho.

Os reajustes anuais pelo índice Geral de Preços de Mercado (IGP-M), além do aumento da base de clientes, contribuíram para expandir a receita das concessionárias nos últimos anos. Mas o que de fato pesou nos resultados do ano passado foi a redução do endividamento, aliada a um considerável aumento de eficiência.

O setor começou a se recuperar em 2003, após prejuízos recordes com a redução de 20% do consumo durante a crise energética em 2001, que popularizou o termo "apagão". Durante esse período de contenção, as empresas perderam receita e mantiveram os custos para a manutenção da infra-estrutura. "Somente no ano passado voltou-se aos patamares pré-apagão", avalia **Claudio Sales, presidente** do **Instituto Acende Brasil**.

O ano passado também foi marcado pelo primeiro ciclo de revisão tarifária, que ocorre a cada quatro ou cinco anos, dependendo do contrato de concessão. Pelas atuais regras da Agência Nacional de Energia Elétrica (Aneel), a participação das tarifas nos resultados pode ser menor em 2008. Isso porque há casos em que os preços foram reduzidos em até 18%. É que a agência leva em conta os custos e a produtividade de cada distribuidora na formulação do índice.

Segundo Paulo Mayon, diretor-presidente da Associação Nacional de Consumidores (Anace), a expectativa é de que as margens sejam compensadas justamente pela demanda exponencial. Em contrapartida, como mais de 70% da energia vem de usinas hidrelétricas, esse crescimento acelerado causa temor de escassez no futuro. Estudos revelam a necessidade de se investir entre

US\$ 6 bilhões e US\$ 7 bilhões por ano para a expansão da matriz energética brasileira, de modo a atender ao crescimento da economia.

Na avaliação de **Sales**, do **Acende Brasil**, ainda é preciso muitos acertos no marco regulatório para garantir a rentabilidade adequada aos altos investimentos que o mercado requer. “A tendência é de melhora, mas o EVA (do inglês economic value added, medida de retorno) ainda é negativo no País.”

Batizado de apagão aéreo, o colapso na aviação civil provocado pela paralisação dos controles de voo após o acidente ocorrido com o avião da Gol, que se chocou com um jato Legacy em setembro de 2006, matando 154 pessoas, teve reflexos sobre os negócios. O mercado cresceu 12%. Trata-se de um percentual menor do que o registrado em 2005, quando o avanço foi de 19%. Mesmo assim, ainda é uma alta considerável para um setor que enfrenta problemas de infraestrutura aeroportuária. Neste ano, em julho, houve mais problemas, com a tragédia do airbus da TAM, que se chocou com um prédio ao aterrissar no Aeroporto de Congonhas, em São Paulo. Morreram 199 pessoas.

Analistas de mercado estimam crescimento entre 10% e 12% neste ano por causa do cenário macroeconômico, com taxas de juros decrescentes e melhora do poder aquisitivo, além da expansão do setor de turismo. A entrada de novos consumidores, avaliam, deve compensar as perdas registradas depois do acidente com o avião da TAM.

